

Costa Lima e as infinitas possibilidades do ficcional

Vera Lins¹

Resumo: No presente texto desenvolvo algumas considerações sobre dois livros de autoria de Luiz Costa Lima: *Os eixos da linguagem* e especialmente *A ficção e o poema* por meu trabalho com a poesia e especialmente com os poetas Paul Celan e Sebastião Uchoa Leite, de quem trata no livro, além de Antonio Machado e Auden.

Palavras-chave: Luiz Costa Lima, Os Eixos da Linguagem, A Ficção e o poema

Abstract: In the present text I develop some considerations on two books authored by Luiz Costa Lima: *Os eixos da linguagem* e especialmente *A ficção e o poema* for my work with poetry and especially with the poets Paul Celan and Sebastião Uchoa Leite, of whom deals in the book, besides Antonio Machado and Auden.

Key-words: Luiz Costa Lima, The Axes of Language, Fiction and the Poem

Sou leitora de Costa Lima há muito tempo. Trabalho com seus textos com meus alunos, especialmente *Os limites da voz* (sobre Schlegel e Montaigne). Mas aqui gostaria de falar sobre dois livros mais recente, embora não os últimos, *Os eixos da linguagem* e especialmente *A ficção e o poema*, por meu trabalho com a poesia e especialmente com os poetas Paul Celan e Sebastião Uchoa Leite, de quem trata no livro, além de Antonio Machado e Auden.

Seu conceito de mimesis da produção está na base de sua visão do poema como ficção poética, que combina reflexividade com atenção para a exploração sensível, material da página ou da tela. Diz:

Tal combinação faz com que a ficção poética, ao mesmo, se aproxime da indagação filosófica, pelo perguntar-se sobre o sentido ou não sentido das coisas,
E dela se diferencie porque supõe a exploração do espaço e do som, atributos que, de estritamente materiais, se convertem em integrantes de objetos simbólicos. (Costa Lima, *L A ficção e o poema*. Companhia das Letras, 2012, p.171.)

Aproxima a ficção da filosofia, contudo não como Heidegger, mas como os românticos alemães, pela reflexão “o perguntar sobre os sentidos das coisas”. Os

¹ Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes em pesquisa 2. E-mail: vl.lins@uol.com.br

românticos alemães viam a obra de arte como um núcleo de reflexão, que a crítica desdobraria infinitamente. E Costa Lima cita um crítico mais recente, Kommerell, que diz que na poesia o desespero já aprendeu a refletir (Id.ibid., p.201). Comenta Costa Lima que o desespero, a emoção, para chegar ao poema precisa ser transmutada de emoção em imagem de uma emoção, que propicia uma experiência. Diz:

O poema meditativo é uma espécie de ficcionalidade que opta pela solidão da palavra. A palavra solitária não é a que se mantém “em estado de dicionário”, senão a que explora sua dupla potencialidade de associação e verticalidade. Sem que seja exclusiva a sua incidência no poema, nesse, a palavra encontra seu eixo de irradiação, a partir do qual alcança a prosa. Poesia e prosa são territórios do ficcional, que, diversos, têm por matéria a irradiação do abissal. (Id.ibid., p.209)

E aí poderíamos ir ao outro livro, em que faz a diferença entre a imagem e o conceito, *Os eixos da linguagem*. Também sua tradução do livro de Blumenberg, *Teoria da não conceitualidade*, indica o caminho que vem tomando seu pensamento sobre a ficção. Blumenberg com sua metaforologia, que aponta os limites do conceito – este não cobre todo o nomeável da experiência humana- faz uma crítica à ciência e à importância dada a ela nos tempos modernos do império da técnica. Blumenberg é importante para o pensamento desenvolvido por Costa Lima.

Retomando-se o livro *A ficção e o poema*, nele examina Adorno, Benjamin, Heidegger e Derrida, apontando os acertos e limites das teorias desses filósofos sobre a arte. Centrando-se sobretudo nas suas análises de Hölderlin, rejeita o enfoque de Heidegger e traz outros teóricos para a discussão. Voltando a Aristóteles, percebe, que já nele a mimese motiva um modo diferente de ver, em vez de simplesmente prestar-se ao reconhecimento do costumeiro. Portanto já nele *mimesis* não é representação. Trazendo um teórico pouco conhecido entre nós, Arnold Gehlen, cita-o quando diz que desde Monet, em seus últimos quadros o tema surge nos quadros, não está apenas diante do pintor (Id.ibid., p.118). Portanto também a pintura se torna uma arte da reflexão como a poesia.

E assim chega ao que lhe importa: o uso espesso da palavra na literatura é o contrário de seu uso conceitual (Id.ibid., p.141), o que vai desenvolver em *Os eixos da linguagem*. A ficção vai mais longe, cumpre demandas da razão que o conceito não pode cumprir. Assim, o ficcional, ao trabalhar a imagem, seria a irradiação do abissal, daquilo que não tem resposta. E haveria duas espécies de ficção, a prosa ficcional que

desenvolve um enredo, e o poema, que trabalha a materialidade sonora das palavras. E a própria crítica poderia ser vista como um gênero ficcional. Diz: “A análise verbal (em prosa ou poesia) não supõe o emprego de métodos, porque romances, poemas, telas e partituras não são corpos convergentes entre si”. As obras não são indecidíveis, mas

“Tanto nas ciências propriamente ditas, como nas humanidades, tanto na filosofia quanto na abordagem reflexiva da arte, tem-se sempre a possibilidade de descobrir um novo acesso a seu objeto” (Id. *ibid.* p. 187)

Assim, haveria uma dimensão política do ficcional, ao demolir certezas. O que mostra especialmente em dois poetas, que também trabalho, Paul Celan com sua “contrapalavra” e Sebastião Uchoa Leite com sua antilírica.

Quando fala de Paul Celan, retoma, discutindo Hugo Friedrich, uma tradição da negatividade que marcaria o moderno desde Mallarmé e que aproximaria o poeta Celan e o prosador Kafka. Traz o poema mais conhecido de Celan, “A fuga da morte”, que diz poder ser aproximado do quadro “Guernica” de Picasso. Acentua sua expressão de abertura, “leite negro” (*shwarze Milch*), e discute as várias leituras do poema, afirmando com Celan que se reflete nos próprios campos de concentração, reflexão que forma o substrato do poema. Passa rápido pela trajetória de vida do poeta, por exemplo sua relação com a poeta austríaca Ingeborg Bachmann e se volta aos teóricos que dele se ocupam e aos poemas como *Sprachgitter* (“Grade de palavra”), importantes para uma discussão política. Nele, por exemplo, Celan afirma que a língua, qualquer língua, funcionaria como uma prisão.

Assim, volta a questão política da ficção, que possibilita, como mimesis da produção, uma dispersão interpretativa.

Costa Lima examina os teóricos que se aproximaram de Celan. Escolhe como o melhor, Bollack. Vê os limites de Heidegger (cujo encontro com Celan motivou o poema “Todtenauberg”) e Gadamer. Chega na “contrapalavra” de Celan, que, no seu texto “Meridiano”, diz que a poesia é a palavra que rompe o arame, um ato de liberdade. Depois discute com Blumenberg a questão da metáfora em Celan – este se impõe uma dieta metafórica, que faz singular sua poesia, feita de contrações verbais. E volta à mimesis da produção, que opera um processo, como este de Celan, que nos põe nos limites da linguagem.

Sobre Sebastião Uchoa Leite diz que vai falar de apenas alguns livros. Dada nossa situação do mercado editorial, toda sua obra de crítica e tradução, mesmo alguns livros de poesia, ficam de fora. Sebastião tem vários livros de crítica como *Participação da palavra poética*, *Crítica de ouvido*, *Crítica clandestina*. Ressalta que Sebastião sempre se colocou contra os chavões literários. Mas que remete aos quadrinhos, ao cinema, à pintura e sempre irônico. Ressalta sua expressão antilírica, diferente da contrapalavra de Celan, mas também herdeira da negatividade do moderno que começa em Mallarmé.

Vê uma dimensão política na obra de Sebastião, sua hostilidade ao intelectual *white collar* e a impossibilidade de manter uma concepção lírica do mundo.

Além dos dois poetas que citei, Costa Lima vê Antonio Machado, Auden e dedica o livro a Augusto de Campos. Portanto ao poema, aqui, é dada sua importância nos tempos presentes, como ficção, mimesis da produção, questionamento do que é dado e aceito, exploração de possibilidades, do desconhecido e do abissal.

Referências:

LIMA, Luiz Costa. *A ficção e o poema*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

_____. *Os eixos da linguagem*. São Paulo: Iluminuras, 2015.

BLUMENBERG, Hans. *Teoria da não conceitualidade*. Tradução e introdução de Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

*Recebido em setembro de 2018.
Aprovado em dezembro de 2018.*